

Mattijs Van de Port^{*,1}

Eu li este artigo com grande interesse: uma tradição emergente de danças e rituais “astecas” é descrita como uma amálgama intrigante de histórias nacionais e locais, de formas culturais, de religiosidade popular, de repertórios ativistas, de identidade política, e de imaginários midiáticos. De fato, uma verdadeira mistura barroca, condizente com áreas de fronteira tais quais as de Tijuana e do sul da Califórnia. O que as análises de Renée de La Torre e Cristina Gutiérrez Zúñiga nos oferecem é uma “leitura” dessas tradições emergentes em toda sua complexidade e multivocalidade. Elementos (práticas, objetos, textos, imagens e provérbios) são isolados e rastreados até suas múltiplas fontes: as cosmologias da Nova Era, as mitologias nacionais, as lutas sociais, a identificação étnica e racial e as políticas de fronteira. O ritual é assim representado como um local de encontro, a interface de múltiplos discursos, um cruzamento em que diferentes campos se reúnem. Em certa medida, isso ajuda a explicar o fascínio do ritual, o qual põe em ressonância diferentes camadas do objeto em estudo.

Curioso para ver algumas imagens dos rituais, digitei *cuauhtémoc los angeles* na busca do *Youtube*. Fui levado a um vídeo chamado *Aztec Dance Cuauhtemoc LA* (Dança Azteca Cuauhtemoc LA), que mostrava um grande número de pessoas usando cocares de penas enormes (a expressão *sobredimensionado* vem à minha mente – e para brasileiros *escolas de samba*) – executando algo que parece uma dança de coreografia muito simples – entretanto, evidentemente, muito treinada – ao som das batidas dos tambores. O local é claramente uma quadra de esportes. Debaixo dos muitos pés dançando, podia se detectar a linha pintada para jogos de basquete que, provavelmente, acontecem em outras ocasiões. Talvez por causa da quadra,

* Mattijs van der Port é professor e pesquisador do Departamento de Antropologia da Universidade de Amsterdam, Holanda. Contato: m.p.j.vandeport@uva.nl

¹ Tradução de Mariana Picoltto e Revisão Técnica de João Rickli.

ou por falta de sofisticação cinematográfica da filmagem, tudo parece ser uma ginástica aeróbica asteca.

Existe um notável contraste entre, por um lado, as ricas camadas de significados trazidas à tona pelas análises que De La Torre e Zúñiga fazem das danças astecas e suas celebrações e, por outro lado, as alegres e algo desajeitadas performances dessas pessoas saltitando numa quadra de esportes. É inevitável colocar-se a questão se nós, antropólogos, com frequência, não estaríamos preocupados em logo ir além da manifestação concreta, ignorando o que acontece no superficial para produzir a *profundidade*.

E, de fato, é essa a questão com a qual fiquei após ter lido o artigo. As autoras parecem propor que a 'eficácia simbólica' dessas danças advém dos vários projetos ideológicos nos quais elas estão encaixadas: mitologias nacionais, lutas sociais, identificação racial ou étnica, políticas de fronteiras etc. Inegavelmente, todos esses projetos ideológicos estão de alguma forma presentes em cerimônias como aquelas a que eu assisti no *Youtube*. Ainda assim, a pergunta a ser feita é: *que tipo de presença é essa?* Quando dizemos que esses rituais *reverberam* esses projetos, queremos dizer que essa reverberação está presente lá, naquela quadra de esportes? E, caso sim, de que forma? Quais as implicações do fato de que mitologias nacionais, lutas sociais, identificação social e étnica ou políticas de fronteiras apresentam-se no aqui e agora como uma performance; como o som de tambores; como o balanço das penas; como o movimento sincrônico de um grupo dançando; como as contrações e os relaxamentos dos músculos dos dançarinos; como o aquecimento de um corpo humano? Como esses diferentes meios impactam a noção de *Asteca*? Em outras palavras: o que acontece com a história, a mitologia, as políticas de fronteira, o ativismo, a religião quando isso se manifesta em forma de dança?

Talvez seja injusto propor essas questões a um texto com o qual eu aprendi tanto. Ainda assim, eu acredito que é hora de os antropólogos irem além de destacar o encaixe ideacional de um ritual – no qual o ritual pode apenas ser uma *construção* a serviço de algo a mais – e começar a pesquisar sua performance incorporada como tal. Pois somente quando compreendermos a sua *estética da persuasão* é que começaremos a entender

como californianos de ambos os lados da fronteira entre México e Estados Unidos podem experimentar sua herança asteca como autenticamente sua.

REFERÊNCIAS

VÍDEO Aztec Dance Cuauchtemoc LA. Youtube. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LtgQpjCZL-8>. Acesso em: 03 maio 2012.